A Linguagem da Academia Cearense de Letras

(ESTUDOS DE FILOLOGIA GERAL E DIALETAL PORTUGUESA)

(Continuação)

I

A LIGUAGEM DE ANTÔNIO SALES

INDIVIDUALISMOS

MARTINZ DE AGUIAR

A lingua portuguesa tem sempre tido, quer no Brasil, quer em Portugal, escritores grandemente afeiçoados ao emprego de palavras novas ou extravagantes, umas de formação própria, outras já arcaizadas, mas trazidas novamente ao entrechoque da frase, como verdadeiros neologismos, outras ainda tomadas ao povo ou às linguas estrangeiras. Se a antiga metrópole nos apresenta vários, Garrett, Camilo, Alves Mendes, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Abel Botelho, o Sr. Aquilino Ribeiro, o Brasil oferece-nos alguns de não menor relevo no assunto, Odorico Mendes, Gonzaga Duque, Coelho Neto, Euclides da Cunha, o próprio José de Alencar, alem de outros, de que não quero falar e entre os quais principalmente se notam certos médicos, que, no falso intento de escrever classicamente e ostentar profundos conhecimentos de literatura clássica lusitana, manejam uma lingua em geral arripiante, às vezes quase incompreensivel, de tal maneira que o mais literato de todos eles é o menos escritor, é, sem contestação valiosa, Carlos Chagas, cujas tendências intelectuais estavam, antes de tudo, com o laboratório médico.

Ramalho Ortigão, não obstante ser um grande artista,

a ponto de haver quem o sobreleve a Eça de Queiroz, pontilhava de neologismos e estrangeirismos a sua frase cativante, não, porem, até por-se ao nivel de Fialho de Almeida e Abel Botelho, outros dois grandes artistas da prosa portuguesa. Lembro-me bem de que, literariamente criado com a lição prática de Castilho e a teórica de Cândido de Figueiredo, de cuja perniciosa influência, influência de ambos, custei a libertar-me, sentí passar-me um calafrio pelo corpo todo, quando li (li ou deletreei?) em Fialho o verbo *fivócloquear* de lado a *soirétear* e comandados os dois por *cavalear* (1). Camilo, alem de neólogo e estrangeirista, como Garrett e Alves Mendes, é, como o Sr. Aquilino e, às vezes, como o Sr. Manuel Ribeiro, esmiuçador de termos e expressões populares e obsoletos.

Um dos mais notaveis prosadores do Brasil, Coelho Neto, mais ou menos se equipara a Camilo. Mas, na última fase da vida, estava já a escrever em lingua tão simples, clara e pura, que lembrava o pudor discreto de Machado e Eça, os dois prosadores portugueses que, segundo penso, devem nas citações andar sempre juntos, pela semelhança de grandeza que existe nas suas feições estéticas, tão simplesmente antagônicas. A Fialho e Abel é possivel comparar Gonzaga e Euclides. No eriçamento mesmo da frase, Euclides e Abel podem ser confrontados.

Depende tudo isso, porem, da própria constituição, das próprias condições literárias do escritor. Cada palavra que ele emprega, comum ou não, nova ou velha, vernácula ou estrangeira, vai apenas, se ele é um verdadeiro artista, desempenhar a função estética que lhe cometeu.

Por tanto, se o artista é simples, se procura o estilo natural, o seu vocabulário, como a sua frase, há de ser necessariamente simples e natural, livre de arcaismos, neologias, estrangeirices ou excentricismos. Nem é outro o caso de Antônio Sales. O léxico conhecido da lingua basta-lhe às suas intenções de beleza literária, como bastou a Machado, como bastou a Eça. Não são muitas, por isso, as palavras de criação sua oferecidas pela obra que burilou. Mesmo os seus versos não tem aquela riqueza de termos poéticos que não raro deslumbra em Bilac. Os seus individualismos vocabulares (os casos de sintaxe estudar-se-ão noutro capítulo) são em geral dessas palavras que estão potencialmente feitas, que usamos até na conversa de cada dia e

(1) «Cavalear, fivócloquear, soirétear ....» ("Barbear, Pentear", 42.)

que nos deixam abismados quando sabemos que não são mencionadas pelos dicionaristas.

Começarei este estudo pelo poeta, passarei para o romancista ou o escritor vário e findarei com o jornalista ou o autor de epigramas, justamente o que mais ousado se mostra.

*

«Os pombos....... arrulhavam no *vortice* das casas.» ("Poesias", 11-2.)

Vórtice é aí um erro de revisão, por *vértice*, como está na página 22:

«Lá vão [os passarinhos]....... pousando nos beirais, no *vértice* dos tectos...»

A edição das "Poesias", feita embora pela então melhor livraria editora do Brasil, a de Garnier, não é inteiramente isenta de imperfeições tipográficas. Na página 81, por exemplo, lê-se *sóclo*, por *sócco*, isto é, *soco*, no sentido translato de *base, tronco:*

«Junto ao teu *sóclo* valido e rugoso».

Usando *vértice* na accepção de *cumieira*, Antônio Sales deu ao vocábulo sentido figurado. Sendo *vértice* o ponto onde se juntam as linhas que formam o ângulo; sendo ainda, no triângulo, o vértice do ângulo oposto à base, e, na pirâmide, o ponto em que se reunem os lados que a constituem, — passou, muito naturalmente, a significar *cimo*, *cume* e, daí, para Antônio Sales, *cumieira*, tanto mais quanto a *cumieira* não é senão, em última análise, um *vértice* especial, uma sucessão contínua de *vértices*, como aresta que é das duas vertentes da casa.

*

O número de palavras que se baseiam em *Roma* é notavel em português, até pelas mais díspares significações que tem. Basta ver que chegamos a *rimance*, outro nome da xácara. Uma delas, das mais importantes hoje, do ponto de vista linguístico, é *Romênia*, nome do país da Europa tambem conhecido por *România.* Como esta última forma tem outra significação na história, pois indica o conjunto de regiões submetidas pelos velhos romanos, é melhor chamar *Romênia* ao país. A favor disso fala ainda o fato de ser *romeno* o seu habitante. Por extrema ignorância, alguns autores dizem, em vez de *romeno*, *romaico,* quando esta palavra se refere ao homem ou idioma, sim, mas da moderna Grécia. Antônio Sales chamou-lhe *românico:*

«Hélène Acaresco, poetisa *romanica.*» (16)

*

Desnudado, adjetivamente, por *nu* ou *desnudo:*

«O *desnudado* solo». (20)

O mesmo com *enfebrecido:*

«O *enfebrecido* collo». *(Ibidem)*

«A boca *enfebrecida*». (111)

*

O verbo *pubescer* diz em nossa lingua *chegar à puberdade*, em relação ao homem; e o particípio *pubescente* usa-se adjetivamente para dizer *púbere* e *que entra a cobrir-se de pelos finos e curtos, de penugem.* Mas em latim o verbo *pubescere* tem ainda o valor de *desenvolver-se, cobrir-se de flores ou de frutos, estar pronto* (para servir-se, colher-se, etc.). Nessa ordem de idéias, canta o nosso poeta:

«A *pubescente* seara». (20)

Verdadeiro latinismo.

*

Diz-se de uma embarcação de vela que *paneja*, isto é: que *os panos se lhe agitam.* Nada mais natural, pois, que se dê a *panejar* sentido mais lato, de *tremular, agitar-se, desfraldar-se*, como qualquer pano posto à mercê dos ventos:

«E, na atra desolação, a amarellenta grama
«Parecia um lençol intermino de chamma,
«Fumante a *panejar* pelas varzeas em fora...»
(Ibidem)

*

Insôfrego tem de ser o antônimo de *sôfrego*, e, como *sôfrego* significa *apressado em comer ou beber* e, daí, *apressado em sentido geral, ávido, impaciente, ambicioso*, há de ser *insôfrego* o mesmo que *não apressado*, etc. Entretanto, Antônio Sales, e não conheço o termo em outro autor, empregou-o claramente com o valor de *insofrido, impaciente, inquieto:*

«As borboletas vão, *insoffregas*, accezas». (22)

«Tambem febril, *insoffrego*, estremeço». (75)

Concorreu de certo para esse desvio semântico o adjetivo *insofrido* e o verbo *sofrear*, igual a *reprimir, conter.*

*

Outro desvio semântico operado pelo poeta ilustre se relaciona com *lutulento*, que é o latim *lutulentus*, de *lutum* (origem do nosso *lodo*), e que, por tanto, exprime, propriamente, *lodoso, lamacento* e, figuradamente, *imundo, impuro, torpe, infame.* Mas Antônio Sales, enganado pela primeira parte do vocábulo, *lutu*, que lhe trouxe à mente a *tristeza do luto*, usou-o com a significação de *triste:*

«Um bando *lutulento*». (22)

*

«Como eu vos invejo a vós
«Que sois amados e amais!
«Como eu lamento os que sós
«Cruzam da vida os *sendaes!*»
(28)

A palavra *cendal*, na grafia anterior escrita tambem com *s*, *sendal*, denota *um tecido transparente e fino, um véu, que deixa ver o que lhe fica por baixo.* Lembremo-nos de Camões: «*cum delgado cendal as partes cobre*»... Mas, nos versos de Antônio Sales, vê-se que *sendal* é *caminho.* E não foi só aí que o poeta lhe deu esse significado:

«Abandonando meu *sendal* de espinhos». (80)

«Perlustrava o *sendal* ‹da Eternidade». (195)

O sufixo *al* junta-se a um substantivo para designar, *inter alia*, um conjunto daquilo que o substantivo exprime, ou, às vezes, para indicar grandeza. Assim, temos, de *brejo, brejal, reunião de brejos;* de *mata, matagal, mata grande e expessa*; de *pântano, pantanal, grande pântano.* De *brejal*, que não é muito usado, dá-nos um exemplo o nosso poeta:

«Junto aos *bréjaes* de florações bizarras». (102)

Seguindo a analogia, fez Antônio Sales *sendal,* de *senda,* lat. *semita,* para indicar a *senda comprida* (idéia de grandeza), como fez *gramal,* para indicar a *reunião de gramas:*

«O espesso *gramal* da ribanceira». (58)

Por conseguinte, nada tem com a antiga e defeituosa grafia *sendal,* por *cendal,* a palavra do delicioso autor das "Poesias".

*

Patrício, como adjetivo, em relação a *pátria:*

«Pul-a dentro de um jarro
«—D'esses moldados em *patricio* barro—».
(36)

*

Ermo é *solitário, desacompanhado.* Daí, *privado:*

«Syrius brilhava linda
«No azeviche do céo *ermo* de lua».
(42)

«A funda amplidão de nuvens *erma*». (54)

Em latim é *eremus,* com *e* longo, à semelhança do grego. *Ermo* é, pois, um latim popular *eremus* com *e* breve, ou mesmo *ermus.*

*

Como as nuvens flutuam e podem ser brancas, o poeta chamou *brancas flutuações* ao *acúmulo de nuvens flutuantes:*

«*Brancas fluctuações* nimbam os cumes
«Das montanhas....................»
(45)

*

Amplexo é *abraço,* e *abraçar* é *cingir com os braços, apertar entre os braços.* Por isso, o poeta usou *amplexo* por *aperto,* em relação à mão:

«O *amplexo* brando da tua mão». (51)

*

Azúleo, por *azulino:*

«A face *azulea* d'agua». (67)

*

Aleluial, de *aleluia:*

«Um hymno *alleluial*». (74)

Isto é: *alegre.*

*

Antônio Sales viu a semelhança que há entre a pluma e a folha da palmeira e a esta chamou *pluma:*

«O altaneiro palmar move as sonoras *plumas*
«Á caricia taful dos zephiros subtis...»
(75)

É interessante notar que, segundo Cândido de Figueiredo, *pluma*, ou *pruma,* pronúncia popular em Portugal e no Brasil, é, no Minho e no Douro, a *folha seca do pinheiro.*

*

Cetíneo, relativo ao cetim, cetinoso, acetinado:

«A plumagem *setinea* e reluzente». *(Ibidem)*

*

Há em latim o substantivo *remex* (genitivo *remigis*), derivado de *remus*, que nos deu *remo*, a espécie de pá com que fazemos andar os barcos. Analogicamente, disse-se *remi corporis, os remos do corpo*, em referência aos braços e às pernas, por que é com eles que nada o homem; e *remi alarum* ou *pennarum, remos de asas* ou *de penas,* em relação às asas das aves, por que com elas voam. *Remex* quer dizer *remeiro, remador;* mas ainda *voador*. De *remex,* formou-se *remigium, ordem de remos, ação de remar*. Mas, como se disse *remi alarum*, disse-se igualmente *remigium alarum, movimento das asas*. Daí, *remigium,* somente, *vôo.*

Em português, poeticamente, usa-se *rêmige,* com o sentido etimológico de *remador*. Mas a *rêmiges,* plural, deu-se o sentido abusivo de *penas,* e a *remígio* o etimológico de *vôo,* alem do analógico de *penas,* como sinônimo de *rêmiges.*

Antônio Sales usou *rêmige* com o valor semântico de *asa* (o singular, pelo plural):

«Da airosa garça a *remige* nevada,
«Que em lento vôo lhe ergue o vulto esguio».
(77)

*

Matriz, substantivamente, a *igreja principal:*

«As torres da *matriz*». (79)

*

Possuimos a palavra *caçoula,* que tem mais duas formas: *caçoila* e *caçola.* De *caçola* é que se deriva *caçoleta.* A *caçoula* é um *vaso,* em que, principalmente, se queimam drogas aromáticas. Daí, Antônio Sales falar, referindo-se ao corpo, na *caçoula da carne,* donde se eleva a alma, «numa espiral fremente»:

«Muita alma virginal neste instante se agita
«E se eleva a tremer, numa espiral fremente,
«Da *caçoula da carne,* onde fulge e crepita
«Do amor a ingrata chamma a arder inutilmente.»
(87)

*

Penetral, pelo "plurale tantum" *penetrais:*

«Pios langues a encher de pavidos segredos
«O quieto *penetral* de virentes silvedos».
(93)

De fato, talvez com a exceção única de *víveres,* todos os *pluralia tantum* podem ser usados singularmente. Já em latim, ao lado de *penetralia,* havia, embora de uso mais discreto, *penetral* e *penetrale.*

Entretanto, *víveres,* que é o francês *vivres,* com a anaptixe de um *e,* não influenciado pelo verbo *viver,* caso em que diríamos *vivêres,* mas para facilitar e, até, eufonizar a pronúncia, é, pela contingência mesma da sua importação e morfologia, um nome que de maneira nenhuma pode usar-se no singular. Em verdade, como havia de ser ele? *víver? vívere?*

Na página 101, empregou o poeta o plural *penetrais:*

«Os *penetraes* sombrios donde golfam as aguas turbulentas».

*

Florejar é *ornar de flores;* daí, *florejar os lábios um sorriso,* isto é: *orná-los.*

«Um sorriso então o lábio nos *floreja*». (99)

*

Endolorido, de e por *dolorido :*

«E ouvirás o marulho *endolorido*
«Das lagrimas que caem para dentro...»
(99)

*

Acabrunhante, que acabrunha :

«Aquella solidão *acabrunhante*». (116)

*

Para Antônio Sales, as frases revoam em bandos, como as aves:

«As tristes *revoadas* das tuas frases». (117)

Vê-se logo que a palavra não está com o sentido translato de *ensejo*. A translação aí consiste apenas em comparar as frases com os bandos de pássaros revoantes.

*

Nimbo, ou *nimbus*, é a nuvem pardacenta que se desfaz em chuva.
Antônio Sales diz:

«Como um *nimbus* phantastico *de espumas*». (154)

A primeira idéia que ocorre ao leitor é que se enganou o poeta, emprestando ao *nimbo* a cor branca do cirro e do cúmulo, comparando-o por essa cor ao rolo branco de espumas. Entretanto, a comparação pode bem ter sido feita à vista da agua, pois que nimbo e espuma se desfazem ambos a final em agua.

*

Formou-se do verbo *estender* o substantivo *estendal*, que o mesmo é que *estendedouro*. Como o estendedouro há de ser limpo, descampado, passou *estendal* a significar *descampado*, figuradamente. Ainda figuradamente, tambem por comparação, veio a valer *larga exposição de assuntos* e *exposição ostentosa*. Seguindo a mesma ordem de idéias, Antônio Sales comunicou-lhe o sentido de *porção :*

«Cirrhus flutuam — *estendal* floccoso
«De cysnes no infinito mergulhados».
(172)

Diz-nos Cândido de Figueiredo que, como provincianismo, *estendal* tem na velha Lusitânia o significado de *porção de argaço, estendido para secar*, o que prova a naturalidade da translação operada pelo poeta.

Na página 66 da "Minha Terra" deu à palavra o sentido próprio:

«Ah! os campos sem fim, que o panasco tapiza
«Vergando docemente aos bafejos da brisa,
«Como um vasto *estendal* de finas plumas de ouro!»

*

Referentes a *espuma*, temos os adjetivos *espumante*, *espumoso*, da lingua comum, *espúmeo*, *espumífero* e *espumígero*, poéticos. Antônio Sales usou *espumarento*:

«Vendo-te triste, eu vim trazer-te o alento.
«Entornar-te no espirito alquebrado
«Este vinho de luz *espumarento*,
«Rócio de olhos femineos derivado.»
(181)

Espumarento está nas condições de *suarento*, do *fumarento* de Ramalho Ortigão e de *sumarento*. Não se podem absolutamente explicar por meio dos verbos *suar*, *espumar* e *fumar*. A sua origem é mesmo *suor*, *espuma*, *sumo* e *fumo* (*sumar* nem existe). Mas como se lhes terá interposto aquele elemento *ar*?

A terminação *arento*, em palavras tais, há de ser ou, antes, é uma irradiação de vocábulos como *luarento* e *lamarento*, em que se viram derivados, não de *luar* e *lamar*, como de fato são, mas de *lua* e *lama*. A terminação encontrava apoio noutras palavras, embora de constituição diferente, como *alvarento*, de *alvar*, e *avarento*, de *avaro*. A existência de *lamar*, não dicionarizado, é indubitavelmente atestada pelo aumentativo *lamarão* e pelo adjetivo *lamaroso*.

Conquanto Viana e Figueiredo desconheçam *alvarento* e só consignem *alvacento*, não tenho dúvida em afirmar que se trata de um vocábulo tambem lusitano, pois se ouve a portugueses recem-imigrados. O que não posso assegurar, por falta de elementos, é que em Portugal se faça a distinção que fazemos. Por que empregamos *alvacento* em referência a animais e coisas e reservamos *alvarento* para o homem. A forma *alvarento* é mesmo a regular. *Alva-*

(99)

»

em bandos,

(117)

sentido trans-
s em compa-
ntes.

ta que se des-

mas». (154)

que se enga-
nca do cirro
lo branco de
ter sido feita
desfazem am-

tivo *esten-*
o o estende-
estendal a
figuradamen-
exposição
do a mesma
o sentido

Diz-nos Cândido de Figueiredo que,
nismo, *estendal* tem na velha Lusitânia
porção de argaço, estendido para seca
a naturalidade da translação operada pelo p
Na página 66 da "Minha Terra" deu
tido próprio:

«Ah! os campos sem fim, que o panas
«Vergando docemente aos bafejos da
«Como um vasto *estendal* de finas p

*

Referentes a *espuma*, temos os adjeti
te, *espumoso*, da lingua comum, *espúme*
e *espumígero*, poéticos. Antônio Sales usou

«Vendo-te triste, eu vim trazer-te o al
«Entornar-te no espirito alquebrado
«Este vinho de luz *espumarento*,
«Rócio de olhos femineos derivado.»
(181)

Espumarento está nas condições de
fumarento de Ramalho Ortigão e de *sum*
podem absolutamente explicar por meio do
espumar e *fumar*. A sua origem é mesm
ma, *sumo* e *fumo* (*sumar* nem existe)
lhes terá interposto aquele elemento *ar*?
A terminação *arento*, em palavras tai
antes, é uma irradiação de vocábulos como
marento, em que se viram derivados, não
mar, como de fato são, mas de *lua* e *la*
ção encontrava apoio noutras palavras, emb
tuição diferente, como *alvarento*, de *alva*
de *avaro*. A existência de *lamar*, não dic
dubitavelmente atestada pelo aumentativo *l*
adjetivo *lamaroso*.
Conquanto Viana e Figueiredo descon
to e só consignem *alvacento*, não tenho
mar que se trata de um vocábulo tambem
ouve a portugueses recem-imigrados. O que
gurar, por falta de elementos, é que em Po
distinção que fazemos. Por que empregamos
referência a animais e coisas e reservamos
o homem. A forma *alvarento* é mesmo a

cento não é possivel explicar senão por uma irradiação da terminação *cento* de palavras como *lamacento* e *lodacento*, em que o *c* faz parte do tema derivativo e *ento* é o sufixo.

*

Espumar, dar aparência de espuma a:

«Nuvens de renda *espumam* levemente
«As bordas do corpete ....»
(185)

*

Amar, substantivado:

«Os devaneios fervidos do *amar*». (195)

*

O seu castanho isto é: *o seu cavalo castanho:*

«Montando com donaire *o seu castanho*». (205)

*

Encalce, de *encalçar*, por *encalço*, como *encalhe* e *encalho:*

«Levava em seu *encalce*....... docil rebanho». *(Ibidem)*

*

«Sem se fazer uma *matolotagem*». (209)

Matolotagem é, evidentemente, um erro de composição e revisão, por *matalotagem*, de *matalote*. E eu não o poria aquí, se não me quisesse reportar ao sertanejismo *matotage* ou *matotagem*, que é forçosamente modificação de *matalotagem*, mas com especialização de sentido, pois *matotagem* é a provisão de mantimentos proveniente da matança de uma rês. Assim como a preposição *para*, em próclise, se contrai em *pra*, assim tambem *matalotagem* havia de pronunciar-se *matlotagem* (com a contração da parte pretônica), que passou a *matotagem* (=*matutagem*), alteração que tanto se pode explicar pelo desfazimento natural do ditongo *tl*, como, e isto me parece o verdadeiro, por influência de *matuto*. A forma *matlotagem* deve remontar aos tempos da colônia, por que só assim se há de explicar o valor de *u* dado ao *o* átono, que ainda hoje é claro, no Brasil, na forma geral.

*

O latim *contractus*, de *contrahere*, com o significado de *ajuste*, *transação*, deu-nos *contrato*, donde fizemos o verbo *contratar*, que conserva a significação do primitivo. Entretanto, *contrahere* deu-nos *contrair*. Por isso, o nosso poeta usou *contratar* por *contrair:*

«Vês esta arvore bella e sobranceira,
«Mas cuja derme rude se *contracta*
«Em gilvazes que a engelham toda inteira?»

("Minha Terra", pág. 15.)

*

Planar, estar (a ave) *no ar, de asas planas, como imoveis:*

«No alto, somente o sinistro urubú, garboso, *plana.*» (21)

«Vôo alto e *planado*». (59)

Não se pode absolutamente dizer que seja um galicismo, só por que haja *planer* em francês. O português *plano* explica perfeitamente o verbo, muito diferente, significativamente, de *pairar*, que talvez pudesse alguem sugerir para traduzir o francês *planer.*

Cândido de Figueiredo cita *planado* como adjetivo, preferindo-lhe *pairo*, e referindo-se apenas ao avião que, em vôo, parece «conservar-se no mesmo ponto». Não é verdade. Para que o avião *plane*, para que lhe seja *planado* o vôo, o que é necessário é que ele mantenha posição direita, sem inclinação. Mas ainda no caso de parecer parado, no mesmo *plano* por tanto, ainda aí estaria bem *planar*. Para terminar: quando *planar* puder substituir-se por *pairar*, o que se há de dizer, em vez de *planado*, é *pairado.*

*

Arminhar, de *arminho:*

«Por esta areia candida que *arminha*
«Teu doloroso leito de Procusto».
(30)

*

Clarinar, tocar clarim, produzir som claro e estridente como o do clarim:

«Quando surge a manhã fresca e rosada,
«Oiço uma voz vibrante e crystalina,
«Que, limpida, *clarina*
«Um toque de alvorada.»
(39)

«Qual é a voz, que, limpida, *clarina*
«E crystalinamente se derrama
«Pela floresta sussurrante e espessa?»
(57)

*

Agro provem de um latim *acrus*, por *acer*. Em português significa principalmente *azedo, acerbo, desagradavel, escabroso*. Antônio Sales deu-lhe o valor latino de *duro*:

«Como poentos beduinos,
«Homens de semblantes *agros*,
«Passam em cavallos magros,
«Tristes como os seus destinos.»
(44)

*

Georama é a representação, em relevo, da superfície da terra. Deu-lhe o nosso poeta a significação de *paisagem:*

«Por este lindo *georama*,
«Onde o meu olhar se perde».
(46)

Georama está para *paisagem* da mesma maneira como para essa palavra está *panorama*.

*

Alar, voar, do latim *ala, asa de ave:*

«O clangor dos gallos se acompanha
«Do concertante que das frondes se *ala*.»
(57)

*

Empecer é *impedir, causar obstáculo ou estorvo a, fazer dano*. Mas Antônio Sales empregou-o com significado inteiramente oposto, de *embaraçar-se com, atrapalhar-se com, estacar ante:*

«O espinhento cipoal a traiçoeira grenha
«Alastra, e troncos mil nas roscas entretece.
«A nada disso, entanto, o fugitivo *empece*,

«E o seu perseguidor vae dos seus passos rente,
«Gritando sempre .... »
(68)

A sintaxe natural, de acordo com o conteudo semântico do verbo, seria: *nada disso, entanto, o fugitivo* (ou *ao fugitivo*, o que é o mesmo) *empece*.

Diga-se, entretanto, que, já entre os clássicos, se encontra um ou outro exemplo desse emprego irregular e dificil de explicar-se do verbo *empecer*, que representa um latim *impedescere*, por *impedire*. Dificil de explicar-se, digo eu, mas em verdade a explicação é simples, se partirmos de um pronominal *empecer-se*, esquema sintático que discutirei amplamente no capítulo em que examinarei a sintaxe equivalente de *o homem casou-se* ou *casou, o comércio fechou-se* ou *fechou*.

*

Campeão, de *campear*, por *campeiro, aquele que anda no campo, à busca do gado vacum:*

«Algum tempo depois á grita alviçareira
«De todos os *campeões*, o vaqueiro e o novilho
«Surgem na liça, ...»
(Ibidem)

Já tínhamos *campeão* aplicado ao cavalo de campo.

*

Perlejar-se, de *perla*, por *pérola, encher-se como de pérolas:*

«O estéril coração *se perleja* de pranto.» (74)

Está nas mesmas condições de *perlar*.

*

À semelhança de palavras como *alvo* e *alvor*, calcadas ambas no latim e denotadoras de qualidade, chegou-se até a fazer palavras como *arquitector*, ao lado de *arquitecto*. O nosso poeta usou *brancor* (*brancura*), ao lado de *branco:*

«O *brancor* fatidico de campas». (75)

*

Antônio Sales usou *golfão*, oxítono, que não se deve confundir com *gólfão:*

«Sonóros *golfões* de espuma alvinitente». (85)

Deriva-se de *golfar*, como *gorgolhão* e *borbotão* de *gorgolhar* e *borbotar*.

*

Nós temos *mercar*, de que fizemos *mercante* e *mercância*. De *mercância* fizemos *mercanciar*. E Antônio Sales, de *mercanciar*, fez *mercancia* (acentuação no *i*):

«................, caravanas gigantes
«Cruzavam-se no afan da activa *mercancía*.
«Marcha o extenso comboio, ao descambar do dia,
«Entre nuvens de pó;.................»
(97)

A pesar da rima *mercancia-dia*, o poeta assinalou com acento agudo o *i* do seu neologismo, a fim de que não houvesse, à primeira leitura, erro de pronúncia.

*

Cosmo, o conjunto universal, do grego *kosmos*:

«Num vinculo de amor o *cosmo* e a creatura
«Prendiam-se cordiaes para fazer da vida
«Uma grata excursão na Terra Promettida.»
(99-100)

*

Torvelim, por *torvelinho*:

«............., antes tombar lutando
«Em meio ao *torvellim* do flagello nefando!»
(107)

Torvelim basceou-se na contração, popular principalmente, do sufixo *inho* em *im*. *Torvelinho* deve estar na lingua por um *turbininho* (> *turbilinho* > *turbelinho* > *torvelinho*), derivado eruditamente do latim *turbo*, sob a influência de *remoinho*. Felinto serviu-se de *turbelinho*, de certo ouvido ao povo.

*

Timonear, de *timão*:

«O partido *timoneado* por esses dois homens fortes e sagazes ganhou terreno,.......» ("Aves de Arribação", 13.)

*

O latim *barba* deu-nos *barba*, com a mesma signifi-

cação, de *pelos do rosto do homem* ou *do focinho do animal*. Como a barba que mais se salienta é a da parte inferior do rosto, do *queixo*, passou *barba* a dizer *queixo*, mesmo em relação à mulher. As pessoas demasiado gordas apresentam refegos na pele, por baixo da maxila inferior, os quais parecem fazer outro queixo, outra barba, uma *rebarba;* daí, dizer-se delas que são *rebarbativas*. Como a *rebarba* é coisa estranha, dá-se a *rebarbativo* o significado translatício de *estranho*, *estrambótico:*

«Pouco depois morria o padre, deixando toda a fortuna a seu sobrinho José Serrão, sujeito de *natureza rebarbativa* e pouco intelligente, ...» (14)

Mas diga-se de passagem que, conquanto não o consigne Cândido de Figueiredo, o sentido figurado é hoje muito comum.

*

Às soltas, por *à solta*, como *às escondidas :*

«Um magote de cabras vagava *às soltas* pelo patamar, ...» (21)

*

Magreirão, aumentativo de *magro*, do radical de *magreira*, ou talvez de um *magreiro* popular, tal como o diminutivo *magreirote :*

«Um rapaz de 28 annos, *magreirão*, mas robusto». (22)

*

Alvorecer, substantivamente :

«O *alvorescer* coava lampejos vagos pelas eminencias, ...» (29)

*

Em vez do horrivel *lornhão*, francês *lorgnon*, usa o escritor *luneta de cabo :*

« . . . . , valia-lhe esse conceito [de pedante] a *luneta de cabo* que trazia presa a uma fita preta e levava de quando em quando aos olhos languidos e curiosos de myope.» (38)

De fato, *luneta*, somente, ou *luneta de cabo*, quando necessário, como na frase de Antônio Sales, traduzem excelentemente o francês, com exação e clareza. Mas, se o

lorgnon ou *lornhão* resistir, o que a todos cabe é baixar a cabeça em submissão.

*

Às mancheias, muitíssimo, com excesso:

« . . . . , uns bichos bisonhos e lorpas que não sabiam entrar num salão, nem sustentar uma conversação sem *dizer parvoices às mancheias.*» (48)

*

Lirista, poeta:

« . . . . o meigo e delicado *lyrista* dos "Pingentes". » (56)

*

De *zunzum* já tínhamos *zunzunar*. Antônio Sales criou *zunzunzar*, que melhor traduz a idéia do zumbido:

«Desde alguns dias, qualquer coisa de sensacional andava *zumzumzando* nos corredores da Feira.» (63)

*

Basbaque, adjetivamente, por *de basbaque:*

«Tomou-os como signaes de um *alvoroço basbaque*». (64)

*

Tirar cadeira, ser nomeada professora:

«Nos outros logares onde tinha estado com a filha depois que esta *tirara cadeira,* . . . . » (74)

*

Assim como temos *descarrilhar* e *desencarrilhar*, podemos ter *desvernizar* ao lado de *desenvernizar:*

«D. Maria Lina foi então desencavar no fundo de uma mala o maço de cartões desbotados e o sacco de pedras *desvernizadas* pelo uso.» (75)

*

"*Post-scriptum*", *remate:*

«Florzinha, impaciente, enervada, estava por traz de todos a esperar que se trocassem essas ultimas palavras que são o "*post-scriptum*" das palestras, ... » (90)

O povo já aportuguesou inteiramente a expressão latina em *postescrito*. E está bem o aportuguesamento.

*

Hiato, intervalo:

«Houve um *hiato* de silencio.» (93)

*

O prefixo *entre* é muito produtivo na formação de verbos. Antônio Sales deu-nos mais *entreadivinhar, adivinhar em parte:*

«*Entre-adivinhando* já a causa do pranto». (100)

*

De *subitâneo, subitaneamente*. Nada mais natural, pois que, havendo o adjetivo, há potencialmente o advérbio:

«Bradou Florzinha com exaltação, sentando-se *subitaneamente* na rede». (106)

*

Bordejar é um termo náutico, que diz, do navio, *levar diversos rumos, conforme à direção do vento*. Daí, dizer-se *bordejar* do bêbado que *cambaleia*. Mas o escritor ilustre serviu-se do verbo por *seguir, rumar:*

«E, estugando o passo, *bordejou* [o bacharel] para a casa da professora, na esperança de um encontro possivel.» (109)

Poder-se-ia aventurar que o bacharel *seguia por vielas*, a esconder-se. Entretanto o texto é suficientemente esclarecedor:

«Através da cidade, negra como uma viuva recente, sem uma unica porta aberta áquella hora, nada se ouvia sinão o ladrar monotono dos cães e a surriada escarninha das corujas dentre o arvoredo dos quintaes.» *(Ibidem)*

A explicação é que *bordo*, primitivo de *bordejar*, exprime tambem o *rumo* que o navio leva. Como de *rumo* se fez *rumar*, deu Antônio Sales a *bordejar* o sentido proveniente de *bordo = rumo*.

*

Muitas vezes, temos necessidade de formar palavra nova, se não propriamente para comunicar-lhe significação

diversa de outra já existente, pelo menos para evitar alguma confusão, para melhor precisar o que queremos dizer, ou, ainda, para traduzir um catassol particular de idéia. O latim *arare* e *aratrum* deu-nos *arar* e *arado*. *Arar* é *lavrar a terra; arado* é o instrumento com que se *ara*.

Achou-se, porem, que *arar* não correspondia à ação de trabalhar com o *arado* e fez-se *aradar*. Em nossas repartições públicas, já não se chama quase *processo*, mas *processado*, ao conjunto de documentos referentes a um negócio ou causa que lhes esteja afeta. Por que? Por que, em *processo*, se vê antes a abreviatura de *autos de processo*, e se pensa logo em polícia, tribunais, etc.

O mesmo fez Antônio Sales com *industriosidade*, para aproximar mais a palavra de *industrioso* e para deixar melhor amortecida a idéia que *indústria* desperta, de grandes oficinas e da riqueza que delas provem:

«Uma turba-multa de passarinhos vulgares sem aptidão musical, sem *industriosidade*, sem belleza, sem graça e até sem nome». (114)

E, já que falei aquí em *arado*, vindo do latim *aratrum*, não deixarei ir-se a oportunidade de explicar a passagem de *nostru* e *vostru* para *nosso* e *vosso*, a qual tem dado aos foneticistas dor de cabeça, ao quererem justificar a transformação de *-str-* em *-ss-*.

O caso é muito mais simples do que parece. Assim como *aratrum* nos deu *arado*, através possivelmente de *aradro;* assim como os antigos *padre* e *madre* nos deram *pade* e *made*, formas sem as quais é impossivel explicar *pai* e *mãi* (e aquí a ninguem é dado invocar a dissimilação com que explicam *arado* $<$ *aratrum*); — assim tambem *nostru* e *vostru* nos deram as formas pre-históricas *nostu* e *vostu*. Sabemos que, entre a mocidade do Brasil, pelo menos do Ceará, é muito comum dizer *fosse* por *foste*, *visse*, por *viste*, etc. *Fosse* ontem ao cinema? — pergunta uma jovem a outra, ajuntando logo — *visse* aquela pessoa? —. Ora, assim como *viste* passou a *visse*, assim tambem *nostu* e *vostu* passaram a *nosso* e *vosso*. Não se deu, pois, a redução de *-str-* a *-ss-*, mas de *-st-* a *-ss-*, por assimilação do *t* ao *s*, ou, antes: pela absorpção do *t* (servindo o *s* duplo apenas para mostrar a som de *ç*).

*

Encapoeirar, *tornar capoeira, ter capoeira:*

«Era nessa região *encapoeirada* que demoravam as situações pastoris, ... » (115)

*

Fazer praça, valendo *atender*, *conversar:*

«Mas Florzinha, entretida a *fazer praça* ás amigas e pondo todo o cuidado em burlar a curiosidade com que ellas a perscrutavam, nem siquer olhava para o bacharel». (123)

*

Garrulentamente, que implica *garrulento,* derivado de *gárrulo:*

«Ria *garrulentamente* a enumerar as delicias que a esperavam na fazenda». (123-4)

*

Silforama, de *silfo*, *gênio do ar*, *mulher delicada e vaporosa*, e gr. *orama*, *vista*, *espetáculo:*

«Ali a conversação degenerou em algazarra, falava-se e ria-se alto, e eram historias de toda a especie que vinham á baila sem transição, como as figuras de um *silphorama.*» (124)

O vocábulo está nas condições de *diorama* e *cosmorama.*

*

Com a palavra *afonia* se indica a perda completa da voz ou a incapacidade de produzir qualquer som. Entretanto, alguns filólogos preferem dizer *afonos*, em vez de *surdos*, os sons da voz humana que não são acompanhados de vibração das cordas vocais. E sabe-se que a linguagem ciciada, ou segredada, é toda ela surda, *afona.* Por isso, está muito bem o *afonia ciciante* de que usou Antônio Sales :

«O — amo-te — requer a *aphonia ciciante* dos segredos, ... » (129)

É tambem de notar nessa frase o adjetivo *ciciante*, de *ciciar.*

*

Sonharia, coletivo de *sonho:*

« ...., e Alipio voltou a si violentamente dessa

sonharia que não tardaria já a diluir-se na treva mental do somno.» (134)

*

Orvalhada, coletivo de *orvalho*, e não *geada*, significação com que está dicionarizado:

«A *orvalhada* da noite». (153)

*

Esteiral, camada semelhante a uma grande esteira:

«Em outros pontos o matapasto invadira tumultuariamente as ruas e alastrava num vivissimo *esteiral* verde, ...» (153)

*

Minuscular, tornar minúsculo:

«Havia no tom desdenhoso de Casimiro uma intenção de *minuscular* o ominoso regimen decahido». (182)

*

Rilhante, de *rilhar:*

«......., e resolveu desmascarar-se até os ossos das mandibulas, *rilhantes* já do medo da miseria que o esperava........» (183)

*

Revivescente, de *revivescer:*

«Um immenso apêgo á vida *revivescente*». (191)

*

De *timbrado*, adjetivo derivado de *timbrar*, em relação à voz humana, fez Antônio Sales *destimbrado, sem timbre, não bem timbrado, fraco:*

«E um fio de voz, ainda flebil e *destimbrada,* lhe appareceu inopinadamente». *(Ibidem)*

*

Recrudescido, adjetivado:

«Alipio acquiesceu com *recrudescido* apetite,.... ...» *(Ibidem)*

*

Estorrico, de *estorricar*, *coisa estorricada, tostada, meio queimada:*

«Um bafo enervante de *estorrico*». (195)

*

«Tem voz muito forte e afinada; mas não sabe grande coisa de musica, nem sabe esses *tremelicados* de cantorias italianas.» (199)

Aí, *tremelicados* refere-se ao canto, é igual a *tremidos, trêmulos*.

Tremelicar, donde *tremelicados*, há de ser alteração de um *tremulicar*, de *tremular*, senão, o que me parece menos provavel, um derivado direto de *tremer*, sob a ação de *tremeluzir*, formado de *treme*, tema de *tremer*, mais o infinito *luzir*. Ao influxo do *e*, *tremelicar* passa tambem a *tremelhicar*, como *mobilar* a *mobilhar*, escrito erradamente *mobiliar* pelos nossos eruditos e de que falarei em tempo.

*

Bambear, tornar bambo, em sentido geral, *enfraquecer*:

«Mas a molestia *bambeara* a vontade sempre tensa, sempre activa e prompta do bacharel, ... » (215)

*

Para o escritor ilustre, o estridular do grilo é *ric-ric*:

«No corredor talvez, talvez no alpendre, o *ric-ric* estridulo de um grillo vibrava, ... » (220)

«O grillo parara afinal com seu *ric-ric* agudo, ... » (224)

*

Rumorosidade, qualidade daquilo que é rumoroso:

«A grata frescura e a avelludada *rumorosidade* d'aquelle dia de maio». (226)

Faço a observação que fiz acerca de *industriosidade*.

*

De *caracolar, caracolante, em ziguezague*:

«Os bamburraes que assoberbavam o caminho *caracolante*». (232)

*

Fremitoso, de frêmito, rumoroso:

«....... uma arvore, secca litteralmente, coberta de pombas, que lhe constituiam como uma copa singular de folhas escuras e *fremitosas.*» (233)

*

«Os dois rapazes penetraram na vereda ascendente, *cupulada* de ramos, que conduzia á borda da cascata.» (235)

Cupulada de ramos é uma proposição nominal. Por tanto, não é *cupulado* o adjetivo essencial mencionado pelos dicionaristas; mas, em verdade, o verbo *cupular*, exprimindo *dar* ou *fazer cúpula a.*

O escritor grafou o verbo com *u* e grafou-o bem. Escrevê-lo com *o*, assim como *tábola* (*taboleta*, *taboleiro*, etc.), *ínsola* (*insolano*, etc.) e outras palavras eruditas que tem o sufixo diminutivo *ulo*, é um erro grave, que pode tambem induzir em erro muita gente boa. A pronúncia geral no Brasil é *infiliz*, *infilicidade* (*infeliz*, *infelicidade*). Naturalmente, ninguem pronuncia de outro modo. Entretanto, numa dessas canções radiofônicas que estão concorrendo para transformar-nos a lingua numa algaravia africana, os iletrados dizem *infèliz* e *infèlicidade*, por que assim proferiu, levado pela leitura, na ânsia de hiper-correção, o cantor meio analfabeto que foi ouvido para a necessária gravação do disco fonográfico. A pronúncia natural no Brasil é *èluíza* (*Heloisa*). Mas no quarteirão em que moro há três *èlòízas*, por que quem lhes deu o nome batismal não o tirou da lingua falada, mas da lingua escrita, de algum romancezinho de certo tão mal digerido como pronunciado.

*

Marmeleiral, mata de marmeleiros:

«O *marmelleiral* oloroso e folhudo». (239)

«Elle esgueirou-se por entre o *marmelleiral*». (240)

*

De *colchete*, fez-se a verbo *acolchetar*, que diz *fechar os colchetes de.* Para traduzir a idéia contrária, de *abrí-los*, o nosso Antônio Sales fez o parassintético *desacolchetear:*

«*Desacolchetearam* as saias de chita». (241)

*

O nosso povo emprega o verbo *bagear* em relação

às plantas leguminosas, quando estão a criar *vagens*, que ele profere *bages*. Antônio Sales aproveitou-se da expressiva palavra, mas refazendo-a, baseando-se na forma geral:

«A mangerioba e o mata pasto *vageavam;*.......» (246)

«O matapasto, amarellado, *vageava*,.......» (314)

*

«O sentimento partidario dominava exclusivamente os circumstantes, dividindo-os em dois grupos rivaes, sendo o *ferreirista* mais numeroso e demonstrando mais animação, mais esperanças na victoria.» (253)

«Dias depois verificava-se a quéda definitiva do partido *herculanista*, com a demissão das autoridades e funccionarios que não se chegaram ao João Ferreira.» (293)

João *Ferreira* e Francisco *Herculano* eram chefes políticos opostos em Ipuçaba. Daí, *ferreiristas* e *herculanistas*, os seus partidários.

Diz-se em geral que essas palavras não são daquelas que devem entrar para os dicionários. Mas os portugueses tiveram os *miguelistas*, os brasileiros tivemos os *florianistas*. No Ceará, houve os *aciolistas*, os *rabelistas*. E tais palavras pertencem à história portuguesa ou brasileira, como *lisbonense* e *carioca* pentencem à antropogeografia. Como é então que não devem ser dicionarizadas?

Apenas, em Antônio Sales, *ferreiristas* e *herculanistas* são fações políticas de pura ficção, como de pura ficção é o *ipuçabense*, habitante de *Ipuçaba*, palavra esta de que a seu tempo próprio falarei:

«O actual vigario, padre Balbino, substituira ao padre Serrão, que pastoreara o rebanho *ipuçabense* durante treze annos e sete mezes.» (9)

«Uma crise occorreria fatalmente para a população *ipuçabense*». (272)

Se os nossos dicionaristas tivessem convenientemente registado *florianista*, não teria Cândido de Figueiredo referido essa palavra ao fabulista francês Florian, como fez nas primeiras edições do "Novo Diccionário", o nosso melhor livro na espécie, a pesar dos erros que tem e de toda a campanha, geralmente desorientada, dos seus detratores.

Em outro nome da mesma formação, *aciolismo*, errou Cândido de Figueiredo, que o definiu, em vez de *partido dos aciolistas*, isto é, dos *adeptos do político cearense Nogueira Acioli:*

«Monopolização de cargos públicos por uma familia preponderante na politica.»

Ora, *aciolismo* foi em verdade, mais de uma vez, usado depreciativamente, mas do mesmo modo como o foram *rosismo* (de *Rosa* e Silva), *maltismo* (de *Malta*), *nerismo* (de *Nery*), e até *miguelismo, florianismo, hermismo* (de *Hermes* da Fonseca). Quantas vezes tenho eu ouvido, em relação ao Dr. Getúlio Vargas, falar, depreciativamente, em *getulismo!*

Nada é, porem, que tenha errado Cândido de Figueiredo, que era português, pois até em vocabularistas brasileiros, é verdade que com menos competência do que ele, encontramos *aciolismo* com a mesma significação que lhe deu. Ou, antes (diga-se a verdade), foi em vocabularistas brasileiros que o grande vernaculista lusitano encontrou a significação errônea de *aciolismo*.

*

Bocejante, bocejador, de *bocejar:*

«O juiz de direito sahira do seu alheiamento *bocejante*». (254)

*

Por natural extensão de sentido, deu o escritor a *desabalado* o valor de *livre de conveniências, estabanado:*

«O Florencio, um sujeito *desabalado*, tratava-a com respeito e queria-a para mulher.» (260-1)

*

Ceata, ceia festiva, abundante:

«—Que duvida! Vae ser uma festinha de papouco: aluá, fogueira, fogos, *ceiata* e dança.» (270)

*

O português geral possue *gaforina*, mais aproximado do original, e o brasileiro *gaforina* e *gaforinha*. Antônio Sales autorizou *gaforia:*

«.......; estou com uma *gaforia* de mez e meio.» (*Ibidem*)

Esse talho de frase está num diálogo: representará uma pronúncia popular que não conheço? ou será mesmo um individualismo, resultante da influência de uma palavra como *gafaria* em *gaforina?*

*

Ao latim *ubique, em toda a parte, em qualquer lugar*, fomos buscar *ubiquo, ubiquação, ubiquidade, ubiquista* e *ubiquitário*. Antônio Sales aumentou a lista com o advérbio *ubiquamente:*

«Ao passar-lhe esta palavra pela mente, elle via a si mesmo *ubiquamente*, caminhando, máu grado seu, pelo braço de Florzinha,.......» (281)

*

O homem pode *radiar alegria*. Por isso, no português geral, *radiante* o mesmo diz que *alegre*. Em lugar de *radiante*, usou *radioso* Antônio Sales:

«Ao almoço communicou suas intenções ao vigario, e este, *radioso*, transmittiu-as ao Asclepiades.» (290)

No Ceará, o comum é *irradiante*, por *radiante, alegre*. Quando o povo assim procede, não faz mais do que operar um inconsciente retrocesso ao latim, onde *irradiare* tambem apresenta o significado de *alegrar*.

*

Em português, o adjetivo *amargo* substantiva-se, para dizer *amargor, amargura*. E, no sul do País, chama-se *amargo* à infusão de mate sem açucar. O nosso escritor comunicou-lhe o sentido de *coisa amargosa:*

«.......? disse elle com uma careta de quem *engoliu um amargo* e quer sorrir ainda assim.» (298)

*

O que *entedia* é *entediante:*

«O Asclepiades, demais, era de ordinario *entediante* como um livro lido e viciado,.......» (*Ibidem*)

*

As idéias traduzidas por *leve* e *ligeiro* são tão irmãs,

que, por mais que digam vernaculistas pouco expertos, é naturalíssimo usar um adjetivo por outro. Foi o que levou Antônio Sales a dar a *aligeirar*, de *ligeiro*, o significado de *aliviar:*

«E, dando a questão por terminada, levantou-se mais *aligeirada* de suas preoccupações,....... » (310)

*

O latim clássico *ora* (*borda, extremidade, beira*) produziu dois diminutivos no latim popular: *orula* e *orella*. *Orula* deu-nos *orla* e *orella ourela*, de que se deduziu o masculino *ourelo*.

Era, porem, impossivel que *orella* chegasse imediatamente a *ourela*. O que primeiro tivemos foi *orela*, pronunciado já *urela*, com obscurecimento do *o*, nos tempos da colonização, razão pela qual é a forma, bem como a pronúncia, mais conhecida dos brasileiros. Para nós, *ourela* é mero eruditismo. Pois bem, assim como *urina* passou a *ourina*, assim tambem *orela* (=*urela*) passou a *ourela*.

O nosso escritor fez dessa palavra um verbo:

«A sombra era fresca e leve, como si a gente estivesse envolvida numa nuvem cahida, numa daquellas nuvens pardacentas, *oureladas* de ouro, que em breve desertariam do céo....... » (316)

Antes de terminar a nota, quero dizer que a forma plebéia de *urinol* é, no Ceará, *òrinó*, metafônica: *urinol* > *ourinol* (*ou*...) > *ourinol* (*ô*...) > *ourinó* > *òrinó*.

*

Enclausuramento, de *enclausurar, reclusão:*

«Comprehendeu a repugnancia vehemente que a mãe revelava pelo *enclausuramento*...» (324)

*

Pentecoste, revelação:

«O dia da partida do noivo fôra o seu *Pentecostes:* a lingua de chamma penetrara o seu corpo e o transformara numa lampada de amor, que só se arrefeceria com o frio da velhice ou da morte.» (324)

«Seu corpo era ainda a lampada que se accendêra para o *Pentecostes* do amor;....... » (330)

*

A pesar de Cândido de Figueiredo consignar *engelha* como um lusismo provinciano, a verdade é que, para usar o seu *engelhas*, Antônio Sales foi diretamente buscá-lo, regressivamente, ao verbo *engelhar*, de *gelha*, *ruga*, *carquilha*:

«As *engelhas* perpetuas da velhice». (*Ibidem*)

*

O sete-de-Setembro, isto é: *a independência*:

«O *Sete de Setembro* da riqueza publica ainda está longe.» ("O Matapáu" (1), pág. 28.)

Lembrança da história do Brasil, que se fez independente num dia 7 de Setembro.

*

Eça de Queiroz. com aquela ciência inigualavel de bem avaliar o efeito das palavras, uma das razões precípuas da limpidez e precisão do seu estilo, derivou excelentemente de *Gouvarinho*, nome titular dos Condes de Gouvarinho, o verbo *gouvarinhar-se*, *visitar os Gouvarinhos*, *conversar com eles*, para substituir o qual nenhum outro encontraria na lingua, a pesar da sua proverbial e verdadeira riqueza:

«D'ahi a dez minutos reappareceu, bruscamente; e já com outra voz, n'um tom de caso sério:

«—Ouve cá. Tinha-me esquecido. Tu queres ser apresentado aos *Gouvarinhos?*

«—Não tenho um interesse especial—respondeu Carlos, erguendo os olhos do livro, depois de um silencio. Mas não tenho tambem uma repugnancia especial.

«—Bem—disse Ega. Elles desejam conhecer-te, sobretudo a condessa faz empenho... Gente intelligente, passa-se lá bem... Então, decidido! Terça-feira vou-te buscar ao Ramalhete, e vamo-*nos* "*gouvarinhar*".»

("Os Maias", vol. I, pág. 173.)

«Na terça-feira promettida Ega não veiu buscar Carlos para *se* irem "*gouvarinhar*". E foi Carlos que d'ahi a dias, entrando como por acaso no "Universal", perguntou rindo ao Ega:

---

(1) "Tip. Minerva", Fortaleza, 1931.

«—Então quando *nos "gouvarinhamos"?* » (181)

E outro grande prosador, Abel Botelho, empregou *sintrada* por *passeio a Sintra:*

«—Uma *"cìntrada"*, p'ra depois de amanhã... Approva? » ("O Barão de Lavos", pág. 230.)

Antônio Sales, com não menos graça e energia, fez, de *Taiz, taisar*, isto é, *namorar a Taiz:*

«3.º rapaz — Eu não tenho fome, porque estou apaixonado.
«1.º rapaz — Sempre pela *Thais?*
«3.º rapaz — Sempre! For ever!

. . . .

«1.º rapaz — Eu vim apenas jantar.
«2.º rapaz — E eu dansar.
«3.º rapaz — E eu *thaisar*...» (42-5)

*

Uma atentada-ao-pudor, irônico, *moça a cujo pudor já houve atentado:*

«3.º rapaz — Veja-se por exemplo essa Thais: haverá garota mais deslavada do que éla? E' professora catedratica de bolinagem.
«1.º rapaz — E' uma *attentada ao pudor.*» (49)

*

À semelhança de *finisterra, terra do fim* (*finis*, genitivo latino), compôs o escritor *finissecular, de fim de século:*

«.......a alma de intellectuaes *finisseculares!* » ("Carrilhão", seção de imprensa, assinada *Gilito.*)

*

Beatamente, devotamente, sem idéia de depreciação:

«A voz do padre articula *beatamente* o Evangelho e vós genuflectis». (*Idem*)

*

As antigas sociedades filarmônicas soiam adotar um nome começado por *flor: "Flor do Amor", "Flor de Lis"*, etc. Daí, escrever Antônio Sales:

«....... as sociedades philarmonicas *flor de qualquer cousa.*» (*Id.*)

*

Musical-dansante:

«A litteratura *musical-dançante*». (*Id.*)

*

Ter palpite num bicho, expressão do nosso jogo-de-bicho, é pensar que esse bicho (*avestruz, águia, burro, borboleta*, etc.) será o sorteado. Em lugar dessa expressão consagrada, Antônio Sales usou *palpitar em:*

«Annunciar que *palpitou nella* [na cobra]». (*Id.*)

*

Caraminhola = garabulha, garatuja:

«Cobria-a [a uma folha de papel de música] com uns tantos rabiscos e *caraminholas*». (*Id.*)

*

Dispnético, por *dispnéico, que tem dispnéia, falta de ar:*

«Já temos todos succumbido a bracejar *dyspneticos*». (*Id.*)

Moldado no esquema *morféia-morfético.*

*

Noticieiro = noticiarista, reporter:

«O *noticieiro* (equivalente vernaculo de "reporter") que trouxe ao conhecimento do publico este extraordinario caso, ...» (*Id.*)

Não concordo com Antônio Sales quanto à equivalência de *noticieiro* e *reporter*. *Noticieiro* é depreciativo, designa o *mau reporter*, o *noticiarista incapaz.*

*

Intervistar, o mesmo que *entrevistar:*

«*Intervistai* o Arruda». (*Id.*)

*

Palaçaria, coletivo de *palácio*, formado como *pa-*

lacete, e *palacego*, para explicação do qual não é necessário recorrer ao castelhano, pois temos o sufixo *ego* ao lado e com o valor de *engo:*

« . . . . a alta *palaçaria* nova em folha.» (Seção "Preto no Branco", assinada *Jurema.*)

*

Adventar, por *advir,* de *advento :*

« . . . . a bella e perfida noite que me *adventara...* » (*Id.*)

*

Inglesia, não no sentido comum, mas no novo de *coisa ou invenção de ingleses :*

« . . . . as frageis *inglezias humanas.*» (*Id.*)

*

Escriturar as facadas, *registá*-las, como quem *regista* o movimento de uma casa de negócios :

«Podemos ir tambem *escripturando* todas as facadas». (*Id.*)

*

Cogular, encher em demasia (de modo geral):

«Foi-se *cogulando* a mais não poder a receita». (*Id.*)

*

Zingarrear, fretenir :

«As cigarras estavam a *zingarrear* triumphalmente . . . . » ("Carrilhão")

Há de ser alteração de *zangarrear*, sob a influência mesma de *cigarra*.

Cândido de Figueiredo dá o provincianismo lusitano *zanguerrear* ou *zinguerrear*, mandando-o comparar com *zangarrear*, de que é alteração evidente. Esse *zinguerrear* há de ter motivo diferente de *zingarrear*, pois deve ter procedido de um *zenguerrear*.

*

O português *gana* significa *grande vontade, desejo imperioso.* Como se usava mais a miudo com o verbo *comer*, *gana de comer*, passou a sinônimo de *fome*. Daí, *esganado, esfomeado,* de emprego popular tão constan-

te, o qual se deve ter formado independentemente de *esganar*. Este verbo, que vale *sufocar*, *estrangular*, deve ter começado com o valor de *matar de fome*. Dele é que provem *esgana*, a tosse do cão. Assim como *gana de comer* veio a simplificar-se em *gana*, assim tambem *gana de espancar*, *de matar*, etc., isto é, de *fazer mal a alguem*, veio a simplificar-se em *gana* com o sentido de *vontade de fazer mal*. Daí procede o sentido de *raiva* que lhe comunicou Antônio Sales:

«Oh! chuva que ora espadanas
«Das grandes nuvens pesadas,
«Como deves fazer *ganas*
«Aos que foram ás touradas!»
(Seção "Apartes")

O substantivo *gana* não é mais do que um derivado regressivo de *ganância* tomado em sentido extensivo.

*

Bonina, adjetivamente, *de bonina*:

«Essa fronte *bonina*». (*Id.*)

*

Manifestado, a que se fez manifestação:

« .... emquanto que a *folha manifestada* nem uma palavra deu sobre o caso.» ("Carrilhão")

*

Carrilhonada, *toque de carrilhão*:

«Uma *carrilhonada* jubilosa». (*Id.*)

Cândido de Figueiredo regista *carrilhador* e *carrilhanor* como *tocador de carrilhão*. *Carrilhador* explica-se. Está formado como se houvesse *carrilhar*. Essas formações apoiadas em primitivos hipotéticos, puramente analógicas pois, não são deficientes na lingua.

Mas, se *carrilhador* é perfeitamente explicavel, *carrilhanor* é positivamente um aleijão, felizmente de uso restrito a Portugal, se é que o dicionarista ouviu ou leu bem. Se é um derivado direto de *carrilhão*, apresenta dificuldades bem acentuadas, como a persistência do *a*, que, como em *carrilhonada*, devia passar a *o*, e a adjunção imediata do sufixo *or*. Se é alteração de *carrilhador*, piora o caso,

pois é uma corrutela, e tanto mais desprezivel, quanto não oferece propriamente a troca do *d* em *n*, mas do sufixo *dor* em *nor*, sem precedentes e consequentes em todas as épocas da lingua portuguesa.

*

Val de lençóis:

«A tal hora costumamos estar em *val de lençoes*». (*Id.*)

Val, por que o corpo humano faz depressão nos lençóis. Isso, quanto à significação. Quanto à morfologia, sabemos que *val*, por *vale*, é uma forma proclítica, usada hoje apenas em composição. Mas, com a expressão *val de lençóis*, o humorista não quis senão imitar compostos do tipo de *Valdevez*, *Val-de-Lobos*, etc.

*

Enervância, enfraquecimento, de enervar:

«A *inervancia* da sua autoridade». ("Pr. no Branco")

De *nervo*, temos dois verbos parassintéticos e paronímicos: *enervar*, de formação latina, e *ennervar*, de formação vernácula. O primeiro diz *desnervar* e, daí, *enfraquecer*, *efeminar*, *entediar*; o segundo diz *prover ou forrar de nervos* e, daí, *dar atividade a*. Em lugar de *ennervar*, tambem se usa *innervar* (e ambas as grafias são oficiais), como *embricar* e *imbricar*, *enfermar* e *infermar*. São, pois, verbos diferentes semanticamente, até antonímicos. Mas o próprio Cândido de Figueiredo, que os distingue, acaba por igualar *ennervar* ou *innervar* a *enervar*, quando, já no fim do verbete, escreve: «Indispor os nervos de».

Como Figueiredo, outros dicionaristas, e escritores ilustres, tem errado no emprego dos dois verbos, servindo-se de um em vez do outro. E no engano caiu Antônio Sales, pois que *inervancia*, o substantivo que formou, postula *inervar*, isto é: *innervar*.

O erro, de que podia eu dar basta exemplificação, colhida nos maiores autores, brasileiros e portugueses, há de ter origem na semelhança de grafia, pois que a pronúncia difere sensivelmente. Talvez tenha ainda concorrido para ele a expressão *não ter nervos*, que tem o conteudo semântico, conforme a frase, ora de *enervar*, ora de *ennervar*, pois tanto significa *ser dotado de bons nervos*, tão bons,

que não dão sinal de si, deixando a impressão de não existirem, como *ser dotado de maus nervos*, tão maus, que se comportam como se não existissem, pois não preenchem devidamente as suas funções. A frase *não ter coração* denota parelhamente *tê-lo bom* ou *tê-lo mau*. Já *não ter cabeça* é *tê-la má*, como, em sentido figurado, *não ter coração* é *ser mau*, *tê-lo mau* por tanto. Mas, quando alguem quer dizer que não padece de dor de cabeça, não é estranho ouvir-lhe afirmar que *não tem cabeça* (sentido favoravel).

A grafia oficial, que, infelizmente, piorou em vários pontos o sistema lusitano, não considerou a diferença de pronúncia e unificou a grafia dos dois verbos em *enervar*. Assim, eu aconselharia que se preferisse *inervar = innervar* a *enevar = ennervar*.

*

Carvoeira, como coletivo de *carvão*:

«Cinza e *carvoeira*». (*Id.*)

*

Os adjetivos terminados em *ico*, quando se verbalizam, recebem o elemento mórfico *ficar*, que não é absolutamente o latim *facere*, mas resulta de uma irradiação da terminação *ficar*, oriunda de verbos latinos formados de palavras terminadas em *ficus* com a posposição do sufixo verbal *are*, como *magnificare*, de *magnificus*, e *specificare*, de *specificus*. Temos assim, de *lúbrico*, *lubrificar*, de *místico*, *mistificar* (*lubr+i+ficar*, *mist+i+ficar*). O mais correto, por isso, talvez seja falar em *ificar*, e não em *ficar*, o que mais se nos impõe, quando consideramos um verbo como *purificar*, que corresponde ao latim *purificus*, mas não encontra correspondência em nossa lingua senão em *puro*. Ao esquema *puro-purificar* corresponde *digno-dignificar*, etc.

Mas alguns autores modernos tem juntado o sufixo *izar* aos adjetivos terminados em *ico*. Assim, o nosso Antônio Sales formou *plasticização*, que não postula necessariamente, mas autoriza, *plasticizar*:

«A *plasticisação* previa da alma». (*Id.*)

*

Amalar, emalar, guardar em mala:

«Sem querermos *amalal-os*». (*Id.*)

*

Assessorar, auxiliar:

«As forças positivas que o *assessoram*.......» ("Carrilhão")

*

Distinguido, por *distinto*, não há de referir-se ao francês *distingué*, mas ao verbo *distinguir*:

«O *distinguido* recem-*doutorado*». ("Pr. no Branco")

Devemos notar ainda nessa frase o substantivo *doutorado* (por *doutor*), imposto pela composição com o elemento *recem*.

*

Livreiro, adjetivamente, *de livreiro*:

«....... preconicio de algumas *casas livreiras*.» ("Ap.")

*

Carnavalar, *tomar parte no carnaval:*

«Qual será hoje o estado das creaturas que "*carnavalaram*" esta noite?» ("Pr. no Br.")

*

Sobrecara, máscara:

«Essa *sobrecara* de papelão». (*Id.*)

*

«O *metal-rei*». (*Id.*)

Isto é: o ouro, conquanto seja a platina o mais valioso dos metais nobres e o ferro o mais util de todos.

*

De *desmiolar*, *desmiolamento*, *qualidade de quem é desmiolado, insensato:*

«O *desmiolamento* sul-americano». (*Id.*)

*

Panejamento, nas mesmas condições semânticas do *panejar* que vimos acima:

«....... o *panejamento* alegre de uma saia.» (Art. "Bosquejos")

*

«*Enluvam* e *encasacam* o seu estylo». ("Pr. no Br.")

Isto é: complicam-no, dando-lhe a elegância hirta de quem se enluva e encasaca.

*

Papa-folhas, como *papa-hóstias*, *papa-novenas*, *papa-gente*, *papa-capim*:

«Esses *papa-folhas*». (*Id.*)

A obra jornalística de Antônio Sales é muito vasta. Pelo seu carater de dispersão, era-me impossivel considerá-la no conjunto. Entretanto, se é verdade que dela só tomei uma pequeníssima parte, não o é menos que, essa mesma, dá bastante ensejo para verificar-se que o jornalista, notadamente o faceto e o satírico, emprega mais ousadamente um vocabulário próprio. Isso é muito natural, e peculiar ao gênero de literatura. O poeta e o romancista mantem-se numa atitude hierática, de severa discrição.

Ficaram-me por estudar apenas casos como *Rometa*, *Julieu*, *Florencanti*, que, formas arbitrárias, requerem largo comento, não compadecente já com a longura deste artigo, antes de terminar o qual devo lealmente dizer que, quando cito uma palavra como individualismo do maior literato vivo do Ceará, não posso categoricamente afirmar que não tenha ela ocorrido, simultaneamente, a outro escritor de lingua portuguesa. Ninguem possue dons divinatórios...